

## CRÍTICA LITERÁRIA I

### FONTES LATINAS DE CAMILO CASTELO BRANCO

*Angelina Aparecida de Pina (UFRJ)*

#### INTRODUÇÃO

Camilo Castelo Branco nasceu em 16 de março de 1825, em Lisboa, e suicidou-se em primeiro de junho de 1890, em São Miguel de Seide, devido à cegueira.

Conhecia bem a língua e a literatura latinas. Aos 14 anos, aprendeu latim, francês, literatura portuguesa e doutrina cristã, com o padre António de Azevedo. Em Outubro de 1843, submeteu-se a exames de Filosofia, Francês, Gramática e Literatura Latinas, no Liceu Nacional, e foi aprovado. No Porto, estudou Medicina e Teologia, mas jamais completou curso algum.

Considerado um dos maiores escritores portugueses do século XIX, Camilo era operário da escrita. Sua intensa atividade literária assegurava sua subsistência e a de sua família. Sua bibliografia ultrapassa muito a centena de títulos. Nela se destaca a componente novelística, mas estende-se também pelo teatro, jornalismo, ensaios biográficos e históricos, poesia, crítica literária, além de dezenas de traduções e uma extensa epistolografia.

Em *A Queda dum Anjo*, cuja primeira edição é de 1866, encontram-se, com frequência, oportunas e seguras citações latinas, inteligíveis para os leitores que não sabem latim. Por esse motivo, o objetivo deste trabalho é listar e investigar uma série de passagens latinas referidas por Camilo Castelo Branco ao longo desta sua obra, indicando suas fontes e fornecendo traduções.

Essa intertextualidade, que se revela também através de alusões a personagens da história e literatura latinas, não constitui um artifício literário nem, tampouco, um fenômeno inconsciente, mas sim fonte de criatividade.

*A Queda dum Anjo*, novela satírica de crítica social, narra a história de Calisto Elói, um erudito em História antiga e grande conhecedor das línguas latina e grega, cuja verdadeira paixão eram os livros clássicos. Defensor da antiga moral e contra o progresso, Ca-

listo torna-se deputado representante da província de Miranda no parlamento, opondo-se àquilo que julga serem os maus costumes da época. No entanto, com passar do tempo, ambientado à vida na capital e tocado pelo amor, Calisto transforma-se radicalmente e acaba cometendo as mesmas faltas que antes censurava nos outros.

Nessa obra, foram inventariadas mais de quarenta citações em latim, incluindo palavras extraídas de escritores clássicos, humanistas e da versão latina da *Bíblia Sagrada*. No entanto, esta apresentação restringe-se a expor as fontes e traduções das passagens que Camilo Castelo Branco emprestou dos autores latinos.

A metodologia adotada para descobrir as fontes divide-se em duas partes: a primeira diz respeito à consulta de dicionários e manuais especializados em coligir sentenças e expressões latinas; a segunda diz respeito ao confronto da novela camiliana com textos de autores latinos, como Juvenal, Horácio, Virgílio, Terêncio, Cícero, entre outros.

Evitando a transcrição de trechos longos em latim e sua análise, na maioria dos casos, a indicação da fonte contém apenas as informações indispensáveis: nome do autor latino, nome da obra, e número do verso citado por Camilo.

Para fornecer traduções adequadas, foram consultados autores consagrados, tanto dicionaristas como professores de gramática latina. Quando julgado necessário, foram realizadas traduções próprias.

A indicação das fontes permite ao leitor recorrer ao texto original, caso haja interesse, ao passo que a tradução das citações latinas pretende facilitar-lhe a leitura da obra.

## CITAÇÕES LATINAS EM A QUEDA DUM ANJO

As evocações do embasamento cultural latino de Camilo re-pontam a cada passo, acrescentando ou ratificando idéias expressas na referida novela.

No Capítulo 2, para descrever a posição do governo com relação à situação de pobreza em que vivia o professor de primeiras letras, Camilo Castelo Branco emprega a sentença *Paupertas impulit*

## CRÍTICA LITERÁRIA I

*audax*, traduzida por Paulo Rónai como *A pobreza audaciosa impeliu-me*. Trata-se do início do verso de Horácio, encontrado nas *Epístolas* (II, 2, 51): *Paupertas impulit audax ut versus facerem* (“A pobreza audaciosa impeliu-me a fazer versos”). Exprime a idéia de que a pobreza estimula as maiores façanhas da inteligência.

*Paupertas impulit audax*. Isto que o Horácio faminto dizia de si, acomodam-no os regedores da coisa pública aos professores de primeiras letras. (Cap. 2, p. 25)

Ainda no Capítulo 2, ao presenciar a conversa entre o farmacêutico e o professor sobre a desmoralização do império romano, Calisto emprega a expressão horaciana *Credite, posteri!* em seu comentário a respeito da situação de corrupção em Portugal. Essa expressão encontra-se nas *Odes* (II, 19, 2) e pode ser traduzida como *Acreditai, ó pósteros!*

– Portugal está alagado pela onda da corrupção, que subverteu a Roma imperial! [...] *Credite, posteri!* – exclamou Calisto Elói com ênfase, nobilitando a postura. (Cap. 2, p. 26)

Já no capítulo 6, após sua estréia no parlamento, Calisto comparece ao teatro lírico e expressa seu repúdio ao espetáculo *Lucrecia Bórgia* com a sentença *Amici, noctem perdidit!*, que traduz-se como *Amigos, perdi a noite!*. Esta é uma adaptação da sentença *Amici, diem perdidit!* (“Amigos, perdi o dia!”), cuja fonte é Suetônio (*Os Doze Césares*, 8 – Tito). Conta-se que, sempre preocupado em aliviar os sofrimentos do povo, o imperador romano Tito proferia essas palavras quando passava um dia sem praticar uma boa ação.

Rompeu-lhe então o imo peito esta exclamação sentida: *Amici, noctem perdidit!* Melhor me fora estar lendo o meu Eurípides e Sêneca, o trágico! (Cap. 6, p. 41)

Em seguida, no mesmo capítulo, para exprimir sua surpresa ao saber que o Estado subsidiava o Teatro, Calisto exclama: *Obstupui!*, que significa *Fiquei estupefato!*. Essa expressão é encontrada em Virgílio (*Eneida*, II, 560 e 774; e III, 48), em Terêncio (*Ândria*, I, 5, 256), em Apuleio (*Metamorfoses*, II, 7) e em Propércio (*Elegias*, II, 3, 28).

– *Obstupui!*... O abade zomba!... O Estado! O meu colega disse o Estado! (Cap. 6, p. 42)

Também no capítulo 6, quando discursa no parlamento a respeito do gasto com luxos para os mais ricos às custas dos mais pobres, Calisto emprega uma expressão que provém de Virgílio (*Eneida*, I, 462): *Sunt lacrimae rerum*, traduzida por Renzo Tosi como *São lágrimas pelas vicissitudes humanas*.

Sr. Presidente, V. Ex.<sup>a</sup> sorriu-se, vejo que a Câmara está sorrindo, e eu ousou dizer a V. Ex.<sup>a</sup> e aos meus colegas, como o poeta mantuano: *sunt lacrimae rerum*. (Cap. 6, p. 44)

Ainda em seu discurso, Calisto lamenta o silêncio desaprovador dos deputados presentes na Câmara com a exclamação *Victis honus!*, cuja tradução de Luiz Victoria é *Honra aos vencidos!*. Essa expressão é encontrada em Tito Lívio (*História Romana*, V, 48, 9).

Sou eu só: serei eu só o vencido. Não importa! *Victis honus!* (Cap. 6, p. 47)

Dando prosseguimento a seu discurso, para criticar o deputado que pede subsídio para o teatro do Porto, Calisto emprega outra sentença extraída de Horácio (*Epístolas*, I, 7, 44): *Parvum parva decent*, traduzida por Paulo Rónai como *Ao pequeno convém coisas pequenas*.

As pequenas coisas tratam-nas os pequenos: *Parvum parva decent*. (Cap. 6, p. 47)

No capítulo 7, após zombar do feitio das botas de Calisto, um certo deputado, filho de sapateiro, pretende analisar-lhe as polainas. Mas, Calisto o repreende com as palavras *Ne sutor ultra crepidam*, traduzida por Paulo Rónai como *Não (suba) o sapateiro acima da sandália*. Trata-se de um fragmento da máxima: *Ne sutor ultra crepidam iudicaret* (“Não deve o sapateiro julgar além da sandália”), registrada por Plínio, o Velho (na *História Natural*, XXXV, 10, 36) e por Valério Máximo (em *Fatos e Ditos Memoráveis*, VIII, 12, 3). Conta-se que Apeles, famoso pintor da Grécia antiga, expondo uma pintura na porta de seu ateliê, ocultou-se para ouvir as críticas dos passantes. Um sapateiro criticou as fivelas das sandálias e o pintor apressou-se a corrigir o erro. Porém, quando o sapateiro quis fazer novas censuras à pintura, foi repreendido por Apeles com a lendária sentença, que tornou-se provérbio. Consiste em uma lição para quem gosta de opinar sobre o que não entende, recomendando que se reconheça os próprios limites.

## CRÍTICA LITERÁRIA I

É o caso de eu lhe dizer como Apeles ao sapateiro, que lhe censurava a pintura: *ne sutor ultra crepidam*. (Cap. 7, p. 50)

No capítulo 9, em seu discurso contra a opinião de Calisto, lamentando a situação de Portugal em comparação com regiões ditas civilizadas por onde viajou, Dr. Libório de Meireles emprega a sentença virgiliana *Dulcia linquimus arva*, encontrada nas *Éclogas* (1, 3), traduzida por Arthur Silva como *Abandonamos nossos amados campos*.

Doeu-me alma, choraram-me olhos, e compreendi a angústia virgiliana do hemistíquio: *dulcia linquimus arva*. (Cap. 9, p. 60)

O capítulo 15, no qual Dr. Libório volta a discursar, é intitulado *Ecce iterum Crispinus...*, expressão com a qual Juvenal (*Sátiras*, IV, 1) anunciava a volta de um importuno. Essa expressão é traduzida por Luiz Victoria como *Eis outra vez Crispim...*

O capítulo 16, no qual as pessoas que freqüentam a casa do desembargador começam a notar mudanças nos modos e na linguagem de Calisto, recebe como título um fragmento de um verso de Virgílio (*Eneida*, II, 274): *Quantum mutatus!*, que significa *Quão mudado!* Atualmente, serve para indicar a piora da situação de alguém ou sua transformação radical nas idéias, sentimentos etc.

No capítulo 17, em seu discurso, quando se opõe aos argumentos de Dr. Libório a respeito do tratamento aos presos e critica sua linguagem, Calisto exclama: *Vox faucibus haesit!*, um fragmento de outro verso de Virgílio (*Eneida*, III, 48), traduzido por Luiz Victoria como *A voz parou-me na garganta*. Serve para exprimir espanto ou terror.

O que é um preso descomedido, Sr. Presidente? Dilo-ei? *Vox faucibus haesit!*... (Cap. 17, p. 105)

Ainda no capítulo 17, após seu discurso contra o Dr. Libório, para indicar que não questiona mais seu oponente por não entender o mau português utilizado por ele, Calisto afirma ironicamente: *Davus sum, non Oedipus*. Essa sentença, que pode ser traduzida como *Sou Davo, não Édipo*, provém de Terêncio (*Ândria*, I, 3, 194). Trata-se da resposta do escravo Davo a seu patrão, que lhe perguntara algo que ele não sabia responder. Significa “não sou adivinho”, pois, como se sabe, Édipo desvendou o enigma da Esfinge.

Sou um lavrador lá de cima, e não adivinhador de enigmas. *Davus sum, non Oedipus.* (Cap. 17, p. 106)

No capítulo 18, Calisto é questionado a respeito do seu fazer poético: Se conversa com as musas ou escreve como Cícero (em *De Consulato Suo*, Fragmento 7): *O fortunatam natam, me consule, Romam.* Esse verso é citado por Juvenal (nas *Sátiras*, X, 122) como prova do escasso talento poético do grande orador, e é traduzido por Renzo Tozi como *Ó feliz Roma nascida sob meu consulado.* O verso é criticado tanto por seu conteúdo como por sua forma, infeliz devido à cacofonia.

Perguntou alguém a Calisto se conversava alguma hora com as musas, ou se, à maneira de Cícero, escrevia o desgracioso:

*O fortunatam natam, me consule, Romam.* (Cap. 18, p. 109)

No fim do capítulo 19, para exprimir preocupação pelo destino de Calisto que, sentindo pela primeira vez a paixão, muda drasticamente, parecendo-se cada vez mais com um homem da capital, Camilo Castelo Branco emprega a sentença *Di meliora piis!*, que deriva de Virgílio (*Geórgicas*, III, 513). Essa sentença é traduzida por Arthur Silva como *Ó deuses, dai melhor destino aos homens piedosos!*

*Di meliora piis!*

Ó Lisboa!...

Ó mulheres!... (Cap. 19, p. 112)

As citações em latim tornam-se cada vez mais escassas a partir do capítulo 18, intitulado *Vai cair o anjo!*, até desaparecerem por completo a partir do capítulo 27. Em contrapartida, versos de Racine (cap. 25) e Molière (cap. 36) ilustram a transformação de Calisto em homem como todos os outros.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do princípio de que todo texto pressupõe intertextualidade, ou seja, de que toda produção intelectual ou literária de um escritor reflete, em parte, o que ele leu e os conhecimentos adquiridos a partir dessas leituras, este trabalho espera contribuir, de alguma forma, para a Crítica Literária.

## CRÍTICA LITERÁRIA I

Confrontando a novela camiliana com os textos clássicos, conhecendo o que Camilo leu, conhecendo seu embasamento cultural, o crítico literário pode ir beber da mesma fonte e, com isso, entender não só as referências e alusões, mas também o próprio processo criativo do autor, como temas e estilo.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTELO BRANCO, Camilo. *A queda dum Anjo*. Edição que reproduz a de 1887, última revista pelo autor. Com próêmio e nótulas de linguagem do professor Pedro A. Pinto. Rio de Janeiro: Org. Simões, 1953.

RÓNAI, Paulo. *Não perca o seu latim*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

SILVA, Arthur Vieira de Rezende e. *Phrases e curiosidades latinas*. 2ª ed. Cachoeira de Itapemirim: Baldassari & Semprini, 1926.

THE LATIN LIBRARY. At Fontes Academy – member of the Association of Classical and Christian Schools (ACCS). Northern Virginia. Disponível em: <http://theLatinlibrary.com/>

TOSI, Renzo. *Dicionário de sentenças latinas e gregas*: 10.000 citações da Antigüidade ao Renascimento no original e traduzidas, com comentário histórico, literário e filológico. Trad. Ivone Castilho Beneditti. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VICTORIA, Luiz A. P. *Dicionário de frases, citações e aforismos latinos*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Científica, 1966.